



GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
CAMPUS PROFESSOR ANTÔNIO GIOVANNI ALVES DE SOUSA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS-INGLÊS



TAILANE MARIA DA SILVA PAIXÃO

**ANÁLISE DA ANCESTRALIDADE NO ROMANCE *THE SALT
ROADS*, DE NALO HOPKINSON**

PIRIPIRI - PI
2025

TAILANE MARIA DA SILVA PAIXÃO

**ANÁLISE DA ANCESTRALIDADE NO ROMANCE *THE SALT
ROADS*, DE NALO HOPKINSON**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Licenciatura Plena em Letras Inglês,
como requisito parcial para obtenção do título de
licenciado(a) em Letras Inglês, sob a orientação
da Profª Dra. Sara Regina de Oliveira Lima

**PIRIPIRI - PI
2025**

P142a Paixão, Tailane Maria da Silva.

Análise da ancestralidade no romance "The Salt Roads",
de Nalo Hopkinson / Tailane Maria da Silva Paixão. -
2025.

40 f.

Monografia (graduação) - Universidade Estadual do Piauí-
UESPI, Licenciatura em Letras - Inglês, Campus Prof.
Antônio Giovani Alves de Sousa, Piripiri-PI, 2025.

"Orientadora: Prof.^a Dra. Sara Regina de Oliveira Lima".

1. Ancestralidade. 2. Espiritualidade. 3. Diáspora
Africana. 4. Hopkinson, Nalo. 5. Literatura Afrodescendente.
I. Lima, Sara Regina de Oliveira . II. Título.

CDD 801.95

TAILANE MARIA DA SILVA PAIXÃO

**ANÁLISE DA ANCESTRALIDADE NO ROMANCE *THE SALT
ROADS*, DE NALO HOPKINSON**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Licenciatura Plena em Letras em Inglês,
como requisito parcial para obtenção do título de
licenciada em Letras Inglês, sob a orientação da
Profª Dra. Sara Regina de Oliveira Lima

Aprovado(a) em ____ / ____ / 2025

Profa. Dra. Sara Regina de Oliveira Lima
Orientador(a) - UESPI

Profa. Me. Maria do Carmo Moreira de Carvalho
Primeiro Examinador - UFPI

Profa. Me Maria do Desterro da Conceição Silva
Segundo Examinador - UFT

PIRIPIRI - PI
2025

Dedico este trabalho à minha mãe, raiz firme que me ensinou a florir mesmo nos desertos.

Aos educadores e educadoras que resistem com livros, esperança, gestos e silêncio.

E a todas as pessoas negras que carregam no corpo e na alma as marcas da luta, este trabalho é por vocês, com vocês, para vocês.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer à Universidade Estadual do Piauí – UESPI, em especial ao curso de Licenciatura Plena em Letras/Inglês, por ter sido o espaço que acolheu meu crescimento acadêmico, político e humano. Agradeço aos professores e professoras que compartilharam comigo não só conteúdos, mas também olhares críticos e afetivos sobre o mundo, especialmente às professoras Sharmilla O'hana e Lylia Rachel por terem tido paciência e por não me deixarem desistir quando tudo o que eu não tinha era força para continuar, vocês são fonte de inspiração e parte da minha vida. Gostaria de agradecer imensamente à minha ilustre orientadora, Sara Regina por sua escuta, orientação e confiança durante este processo, por ter tido paciência e por ter aceitado o convite quase no começo do curso para a orientação, por ter acreditado em mim, você foi essencial nessa caminhada, não conheço uma pessoa melhor para trabalhar essa temática! Ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID, pela oportunidade de vivenciar o chão da escola de forma sensível, crítica e transformadora.

Aos meus professores da vida e da luta, que não estão apenas nas salas de aula, mas também nos corredores, nos estágios, nas rodas de conversa e nas partilhas silenciosas. Eu lembro de cada um, obrigada por cada ensinamento, por terem me mostrado o quão linda é essa profissão de educadora. A cada colega de curso que caminhou ao meu lado, dividindo livros, trabalhos, angústias e alegrias. Essa galera maravilhosa do curso de Letras Inglês, que estiveram durante esses 4 anos contribuindo com essa jornada desafiadora e maravilhosa. Gostaria de destacar que especialmente, Daiana Chaves e Viviane Azevedo, me fizeram notar que as melhores pessoas chegam em momentos inesperados, obrigada por estarem em tudo comigo, nos choros, angustias, alegrias, vocês são luz! Aos meus amigos de sala e PIBID, que foram indispensáveis nessas aventuras e no meu crescimento pessoal ao longo do curso. Dedico também ao amor meu amor, Raffa Marinho, você me incentivou e sempre acreditou em mim, é parte de tudo isso! Ao José Matias, pois apesar da distância e da vida, você fez parte do início desse sonho que agora se torna realidade, eu consegui! Essa conquista é também coletiva, feita da força de quem segue resistindo ao cansaço com fé e esperança.

À minha mãe, Francisca das Chagas, mulher de coragem e ternura, que mesmo diante das adversidades foi porto seguro e impulso de voo. A você, deixo meu amor mais profundo e minha gratidão eterna. Você sempre fez de tudo para que eu tivesse uma boa educação, o possível e impossível, você me ensinou a ser forte, mesmo quando tudo doía, mesmo quando eu pensava que não aguentaria seguir, obrigada por ter me ensinado a ser assim! Sem você eu não seria nada, eu te amo, como todo o meu ser! Sinto orgulho de dizer que sou filha de uma mulher tão incrível! Aos meus familiares, minhas irmãs Tainara e Morgana, meu pai, Evanilson por cada palavra de incentivo e apoio. A Mariana também, que me apoiou e ajudou nessa jornada e a todos que não me deixaram desistir quando o peso parecia maior que a fé. A Deus e aos espíritos de luz, por me guiarem e me darem forças a todo momento. Obrigada por me lembrarem quem eu sou quando o mundo tentava me confundir.

E, por fim, agradeço a todas as pessoas negras, visíveis ou silenciadas, que me antecederam e abriram caminhos para que hoje eu pudesse escrever esta história. Este trabalho é uma homenagem à nossa memória coletiva, à nossa resistência, à nossa beleza. A cada corpo negro que insiste em viver, criar e sonhar, mesmo quando o mundo nos nega, deixo essa pequena oferenda em forma de palavra e travessia. Vocês são luz! Nós somos luz! Somos parte de um todo, que luta, que resiste, que apesar das controvérsias da vida, nos guiamos no caminho do bem, lutando com força, com fé e crença em dias melhores! Somos rocha, somos vento, somos feitos em estradas de sal, mas somos humanos, Obrigada!

*A minha casa é construída sobre as cicatrizes
das minhas ancestrais, e é nessa fundação que
escrevo a minha história.*

(Tailane Maria)

RESUMO

Este trabalho tem como tema central a ancestralidade na literatura negro-feminina, a partir da análise do romance *The Salt Roads*, da escritora afro-caribenha Nalo Hopkinson(2003). A pesquisa parte da compreensão de que a escrita de mulheres negras é um espaço de resistência, memória e reconstrução, e busca refletir sobre como a ancestralidade atua como elo simbólico, espiritual e político na trajetória de três personagens negras: Mer, Thais e Jeanne. A proposta se fundamenta na análise literária do romance, considerando a ancestralidade como eixo teórico e afetivo. O estudo contextualiza a literatura feminino-negra e a literatura afro-caribenha, abordando as marcas da colonização, da diáspora e da espiritualidade como pilares dessas produções. Como objetivos, pretende-se discutir as raízes da escrita negro-feminina, analisar a obra de Nalo Hopkinson no contexto da literatura afrofuturista e decolonial, e examinar de que forma a entidade espiritual Lasirén conecta as experiências das personagens, atravessando-as com elementos de cura, resistência e reencantamento. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de abordagem bibliográfica e interpretativa, fundamentada nos estudos de autoras como bell hooks(2019), Grada Kilomba(2019), Angela Davis(2016), Audre Lorde(1984),e Conceição Evaristo(2020), além de pensadores como Stuart Hall(2003). O método de análise está baseado na leitura crítica do romance e no cruzamento com perspectivas teóricas sobre ancestralidade, espiritualidade, corpo negro, oralidade e epistemologias femininas de resistência. Como resultado, observamos que a ancestralidade em *The Salt Roads* não se manifesta de forma estática ou simbólica, mas como energia viva que atravessa corpo, tempo, território e linguagem. Mer, Thais e Jeanne experienciam a ancestralidade a partir de suas dores e rupturas, mas também por meio da presença espiritual de Lasirén, que atua como guia, memória coletiva e força de recomposição. A conclusão aponta que a obra de Nalo Hopkinson, ao entrelaçar espiritualidade e narrativa, reafirma a importância da literatura negro-feminina como instrumento de resistência, memória e liberdade.

Palavras-Chave: Ancestralidade; Literatura negro-feminina; Nalo Hopkinson; Espiritualidade; Diáspora africana.

ABSTRACT

This work has as its central theme ancestry in black female literature, based on the analysis of the novel *The Salt Roads*, by the Afro-Caribbean writer Nalo Hopkinson(2003). The research is based on the understanding that black women's writing is a space of resistance, memory and reconstruction, and seeks to reflect on how ancestry acts as a symbolic, spiritual and political link in the trajectory of three black characters: Mer, Thais and Jeanne. The proposal is based on the literary analysis of the novel, considering ancestry as a theoretical and affective axis. The study contextualizes black female literature and Afro-Caribbean literature, addressing the marks of colonization, diaspora and spirituality as pillars of these productions. The objectives are to discuss the roots of black female writing, analyze Hopkinson's work in the context of Afrofuturist and decolonial literature, and examine how the spiritual entity Lasirén connects the experiences of the characters, permeating them with elements of healing, resistance and re-enchantment. This is a qualitative study with a bibliographic and interpretative approach, based on the studies of authors such as bell hooks(2019), Grada Kilomba(2019), Angela Davis(2016), Audre Lorde(1984), and Conceição Evaristo(2020), as well as thinkers such as Stuart Hall(2003). The method of analysis is based on a critical reading of the novel and the intersection of theoretical perspectives on ancestry, spirituality, the black body, orality and feminine epistemologies of resistance. As a result, we observe that ancestry in *The Salt Roads* does not manifest itself in a static or symbolic way, but as a living energy that traverses body, time, territory and language. Mer, Thais and Jeanne experience ancestry through their pain and ruptures, but also through the spiritual presence of Lasirén, who acts as a guide, collective memory and force of recomposition. The conclusion indicates that Nalo Hopkinson's work, by intertwining spirituality and narrative, reaffirms the importance of black-feminine literature as an instrument of resistance, memory and freedom.

Keywords: Ancestry; Black-feminine literature; Nalo Hopkinson; Spirituality; African diaspora

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 LITERATURA FEMININO-NEGRA E ANCESTRALIDADE.....	12
2.1 RAÍZES DA ESCRITA FEMININO-NEGRA: VOZES SILENCIADAS E RESISTÊNCIA LITERÁRIA	12
2.2 ANCESTRALIDADE COMO FORÇA NARRATIVA:A MEMÓRIA, O CORPO E A ESPIRITUALIDADE COMO TERRITÓRIOS DE RESGATE.....	15
2.3 EPISTEMOLOGIAS NEGRAS E ESCRITA DE SI: O SABER ANCESTRAL COMO CONTRANARRATIVA.....	17
3 A LITERATURA AFRO-CARIBENHA E O CONTEXTO DE NALO HOPKINSON	19
3.1 TRAUMAS COLONIAIS E MEMÓRIA COLETIVA: O CORPO CARIBENHO MARCADO PELA DIÁSPORA.....	20
3.2 SINCRETISMO, ESPIRITUALIDADE E ORALIDADE: ELEMENTOS AFRO-CARIBENHOS NA CONSTRUÇÃO DAS PERSONAGENS.....	23
3.3 A ESCRITA DE NALO HOPKINSON COMO AFROFUTURISMO DECOLONIAL....	25
4 ANCESTRALIDADE COMO ELO ENTRE AS PERSONAGENS EM <i>THE SALT ROADS</i>.....	28
4.1 JEANNE, MER, THAIS: ENTRE TEMPOS, DORES E RESISTÊNCIAS.....	28
4.2 O ELO ANCESTRAL: O SAL, OS CAMINHOS E LASIRÉN COMO FIO CONDUTOR	32
4.3 IDENTIDADE, ESPIRITUALIDADE E CURA NA TRAVESSIA DAS TRÊS PROTAGONISTAS.....	35
5 CONCLUSÃO	38
REFERÊNCIAS.....	40

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como tema: A ancestralidade em *The Salt Roads*(2003) da autora canadense-jamaicana Nalo Hopkinson(2003). Na obra literária, a ascendência revela-se como um elemento central para a construção de identidades e resistências culturais. Ela possibilita que personagens se conectem com suas raízes, em uma jornada de autodescoberta e fortalecimento que transcende o tempo e o espaço. No contexto da opressão enfrentada por mulheres negras, a reconexão com suas raízes surge como uma resposta às tentativas de apagamento histórico e cultural. Essa temática é rica para uma análise sob a ótica do feminismo negro, pois destaca como o racismo e o sexismo moldam as experiências das mulheres negras e reforçam a necessidade de resgatar e preservar heranças culturais.

A obra a ser analisada apresenta-se como um exemplo em potencial da reconexão ancestral. Ao interligar personagens de diferentes épocas e regiões (com raízes africanas, caribenhas e europeias), a autora promove um diálogo transcultural que enaltece a diversidade e complexidade das heranças africanas na diáspora. A ancestralidade, nesse contexto, é explorada não só como um elo espiritual, mas também como uma forma de resistência contra a opressão colonial e patriarcal que atravessa gerações.

The Salt Roads é um romance publicado em 2003, escrito pela autora jamaicana-canadense, Nalo Hopkinson nascida em 20 de dezembro de 1960, em Kingston. É uma obra de ficção que entrelaça as histórias de três mulheres negras; Mer (uma mulher escravizada do século XVIII e curandeira em uma plantação em St. Domingue), Jeanne Duval (a atriz e dançarina haitiana do século XIX e amante do poeta francês Baudelaire), e Thais, (a prostituta que virou santa do século IV) ao longo de diferentes períodos históricos e contextos culturais.

Por meio de personagens que se conectam espiritualmente e culturalmente, a autora explora temas como resistência, memória coletiva e reconstrução identitária. A narrativa envolve figuras emblemáticas, cujas experiências refletem as lutas e a resiliência das mulheres negras em meio a contextos de opressão, oferecendo uma leitura rica em simbolismos e reflexões sobre a ancestralidade na diáspora africana.

A ancestralidade tem um papel fundamental na construção da identidade de mulheres negras. Ela não se resume apenas à descendência, mas envolve memórias, espiritualidade, afetos, saberes e forças que atravessam o tempo. Quando mulheres negras escrevem, muitas vezes escrevem com e por suas ancestrais, retomando histórias que foram apagadas, silenciadas ou distorcidas ao longo da história. A literatura, nesse sentido, se torna um espaço

de cura, de reencontro e de resistência. É através dela que muitas mulheres negras resgatam suas raízes, se fortalecem e dão continuidade às vozes que vieram antes.

Na literatura negro-diaspórica, a ancestralidade aparece como um caminho que liga o passado ao presente e ao futuro. Em especial, na literatura afro-caribenha, essa conexão ganha novas camadas, por conta da presença constante da espiritualidade, da oralidade e da cultura ancestral africana ressignificada nos territórios da diáspora. Essa literatura carrega, em suas palavras e silêncios, marcas de uma história de dor, mas também de sobrevivência, sabedoria e força coletiva. É nesse contexto que surge a autora Nalo Hopkinson(2003), escritora que trabalha essas temáticas com profundidade e sensibilidade.

O objetivo deste trabalho é analisar como a ancestralidade e a conexão entre culturas são representadas no romance *The Salt Roads*(2003). A proposta é entender de que forma a autora constrói essa ligação entre Thais, Mer e Jeanne, e como essas personagens, mesmo em realidades tão diferentes, partilham dores, forças e caminhos semelhantes. A ancestralidade será compreendida aqui como uma força viva que atua na formação da identidade das personagens e também como uma forma de resistência às opressões raciais, coloniais e patriarcais. A análise será feita com base nas contribuições de autoras como Grada Kilomba(2019), Angela Davis(2016), bell hooks¹ (2019), Audre Lorde(1984) e Stuart Hall(2003), que discutem temas como identidade, memória, espiritualidade e feminismo negro.

Durante a leitura da obra, foi possível observar que a ancestralidade aparece em diferentes formas: nos corpos das personagens, nos sonhos, nos rituais, nas lembranças, nas palavras ditas e nas que ficam por dizer. Nalo Hopkinson(2003) propõe uma narrativa não linear, que rompe com a lógica do tempo ocidental e nos leva a um espaço onde o passado, o presente e o futuro se misturam. Assim, as experiências de Thais, Mer e Jeanne ganham um novo sentido, pois não são apenas histórias individuais, mas partes de um todo ancestral que insiste em sobreviver, em continuar, em se recontar.

A deusa Lasirén, símbolo da espiritualidade Vodú, tem um papel essencial nesta travessia. Ela representa aquilo que se carrega sem saber, a voz que sussurra em meio ao caos, o chamado que atravessa o tempo. Por meio dela, a narrativa se costura e ganha profundidade.

¹ A escritora, cujo nome de batismo era Gloria Jean Watkins, adotou o pseudônimo "bell hooks" como uma forma de enfatizar suas ideias e desviar a atenção da sua pessoa, homenageando sua bisavó, Bell Blair Hooks. A escolha das letras minúsculas foi proposital, como uma declaração política, para evitar o personalismo e valorizar a coletividade de suas obras e pensamentos.

Lasirén é a própria ancestralidade em movimento: ora sal, ora água, ora dor, ora cura. E é através dela que as três mulheres encontram um lugar de pertencimento, mesmo em meio à dor e à exclusão. O sal, nesse caso, simboliza tanto a ferida quanto o remédio, elemento que marca as águas do nascimento e também as do luto.

Ao propor essa análise, a intenção é mostrar que *The Salt Roads*(2003) oferece muito mais do que três histórias de mulheres negras. O romance de Nalo Hopkinson(2003) é um convite para refletir sobre o que nos conecta enquanto povo negro, diante da diáspora, da separação forçada e das tentativas constantes de apagamento. A ancestralidade aparece como um caminho de volta, mas também como uma forma de seguir em frente, mais forte, mais consciente e mais inteira.

Por isso, este trabalho propõe que a leitura de *The Salt Roads*(2003) seja feita com os olhos voltados para o que pulsa nas entrelinhas: as marcas da história, os gestos de afeto, a fé que resiste, a memória que não morre. A literatura, aqui, é um território de encontro com as vozes de antes e com as possibilidades do agora. E é justamente essa força que faz da ancestralidade não apenas um tema, mas uma presença viva, que nos atravessa, nos constrói e nos transforma.

2 LITERATURA FEMININO-NEGRA E ANCESTRALIDADE

A escrita de mulheres negras emerge como território de resistência, memória e reinvenção identitária. Esta seção se propõe a discutir os fundamentos da literatura negro-feminina, evidenciando como a ancestralidade atravessa a produção de autoras que rompem com os silenciamentos históricos e constroem suas narrativas a partir do corpo, da oralidade, do sagrado e do saber ancestral. A partir disso, refletimos sobre a escrita como contranarrativa e força política de resistência.

2.1 RAÍZES DA ESCRITA FEMININO-NEGRA: VOZES SILENCIADAS E RESISTÊNCIA LITERÁRIA

A literatura feita por mulheres negras sempre foi marcada por silenciamentos e apagamentos históricos. Por muito tempo, essas vozes foram ignoradas ou contadas por olhares que não as representam de verdade. A escrita dessas mulheres surge, então, como uma forma de luta, de denúncia e também de cura. É uma escrita que nasce da vivência, da dor,

mas também do amor, da ancestralidade e da esperança. Autoras como Conceição Evaristo(2020), Audre Lorde(1984) e bell hooks(2019) nos mostram como a palavra pode ser um lugar de reencontro com a própria história. Quando Conceição Evaristo fala em "escrevivência", ela nos lembra que escrever é também sobreviver e contar aquilo que tantas vezes tentaram calar. A autora afirma:

Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também (Evaristo, 2020, p. 30).

Essa literatura não serve só para mostrar a violência que as mulheres negras enfrentam, mas também para afirmar sua força, seus saberes e suas formas de existir no mundo. Dentro da literatura da diáspora, essa escrita ganha ainda mais camadas. Ela une o ontem com o hoje, o real com o espiritual, o individual com o coletivo. A palavra vira ponte entre mundos, entre tempos, entre memórias. Assim, escrever se torna uma forma de resistir, de lembrar e de se manter viva. A escrita de mulheres negras também é uma forma de documentar vivências que, muitas vezes, não aparecem nos livros didáticos, nas histórias oficiais ou nas narrativas dominantes. É uma maneira de recontar o mundo com outras lentes.

Quando olhamos para a história da literatura, percebemos o quanto a presença feminina negra foi marginalizada. Muitas autoras precisaram escrever sob pseudônimos, foram ignoradas por críticos literários ou até mesmo deslegitimadas dentro de seus próprios espaços de atuação. No entanto, mesmo com todas essas barreiras, suas palavras resistiram. E resistem. É por meio dessa resistência que novas gerações conseguem hoje encontrar espelhos, identificar-se e reivindicar suas existências com orgulho.

A oralidade, tão presente nas culturas africanas e afro-diaspóricas, é um dos pilares da escrita das mulheres negras. Antes mesmo de escrever, muitas dessas vozes já contavam, cantavam, narravam histórias como forma de manter viva a memória coletiva de seus povos. A escrita feminina negra nasce nesse cruzamento entre a fala e o papel, entre o rito e a denúncia, entre o afeto e a rebeldia. A palavra oral é “território de identidade” e carrega saberes profundos que sustentam o ser negro no mundo. Nesse sentido, o ato de escrever se aproxima do ato de manter o corpo e a memória em movimento.

Ronilda Ribeiro(1998), ao tratar das epistemologias afro-brasileiras, ressalta que os provérbios, cantigas, contos e narrativas orais são elementos centrais de construção do saber

negro. Esses elementos aparecem transfigurados na literatura de mulheres negras, em forma de repetições, ritmo, musicalidade e circularidade do tempo. Não é por acaso que muitas dessas autoras usam estruturas que rompem com a linearidade tradicional da narrativa ocidental. O texto torna-se mais próximo da roda de conversa, da ladainha, do tambor. Escrever, para essas mulheres, é também celebrar a ancestralidade que fala por meio delas, conforme afirma a autora:

Particularizo aqui dados sobre as bases antropológicas africanas da construção sócio-cultural brasileira, por estar mais familiarizada com elas. Discorrer sobre raízes africanas do Brasil inclui lembrar essa presença em muitas manifestações culturais e artísticas. Apanho o Dicionário do Folclore Brasileiro de Câmara Cascudo e o abro, para brincar, ao acaso. Praticamente não há página onde não figure um verbete com referências a jogos, cantigas, nomes, costumes, crenças de origem africana. Mas, mais que isso, talvez muito mais que isso, o que temos da África é a presença de valores e de elementos formadores do modo brasileiro de perceber o mundo (Ribeiro, 1998, p. 52).

bell hooks (2014), em *Ain't I a Woman: Black Woman and Feminism*, lembra-nos que o apagamento das mulheres negras começou com o sequestro de seus corpos e de suas palavras. A escrita, portanto, é uma forma de recuperar o que foi tomado. Quando uma mulher negra escreve, ela está gritando contra séculos de silenciamento. E mais do que isso: ela está dizendo que existe, pensa, sente, e que sua história importa.

Além da denúncia, há também uma profunda dimensão de encantamento e beleza na escrita dessas mulheres. Como observa Adilbênia Machado(2014) em seu texto sobre encantamento como inspiração formativa, a palavra poética é uma forma de formação. A escritora que evoca suas ancestrais também forma outras mulheres com suas palavras: educa, fortalece, acolhe. O texto, então, deixa de ser apenas um produto estético para se tornar também uma prática espiritual e política profunda. Como escreve a autora:

(...) onde o conhecimento se dá com o encantamento, com pessoas encantadas, que buscam transformar a realidade em que elas vivem, buscando mundos outros, mundos melhores! Esses objetivos implicam a ação do educar, o instruir, o indivíduo para a vida e transformação da realidade, outras realidades desenhando-se, fazendo-se (Machado, 2014, p. 61).

Esse movimento de resistência textual pavimenta o caminho para que outras vozes negras possam surgir e serem reconhecidas não como exceções, mas como parte essencial do panorama literário. É nessa teia de palavras e memórias que se inscrevem também as protagonistas de *The Salt Roads*(2003), cujas trajetórias ecoam esse mesmo desejo de retomar o fio ancestral que nunca se rompeu.

2.2 ANCESTRALIDADE COMO FORÇA NARRATIVA: A MEMÓRIA, O CORPO E A ESPIRITUALIDADE COMO TERRITÓRIOS DE RESGATE

Na literatura feminina negra, a ancestralidade aparece como algo que estrutura a narrativa, e não apenas como tema. A ancestralidade aqui é viva, pulsa e guia. O tempo não é linear, e a identidade também não é algo fixo. Tudo está em movimento porque o passado mora no presente e sonha o futuro. Essa é uma característica muito comum em textos que valorizam epistemologias africanas, que rompem com a ideia ocidental de começo, meio e fim. Aqui, o ciclo, o espiral, o retorno, têm muito mais valor.

A espiritualidade negra, tantas vezes tratada com preconceito ou exotismo, é, nessa literatura, um território de respeito e força. Entidades como Lasirén, orixás e outros guias espirituais aparecem como parte essencial da vida, não como algo à parte. Eles protegem, orientam, curam. Estão presentes nas encruzilhadas da vida e da narrativa. A presença dessas entidades também marca um rompimento com a ideia “eurocentrada” de espiritualidade como algo distante, separado do cotidiano. Na tradição afro-diaspórica, o sagrado está no corpo, na terra, na palavra, no gesto.

O corpo da mulher negra, por sua vez, carrega histórias, sente, lembra e denuncia. Nele estão as cicatrizes das violências, mas também os caminhos da cura. Esse corpo sabe dançar, rezar, lutar, amar, sangrar e renascer. Ele é memória viva. E quando uma escritora volta seu olhar para esse corpo, ela também está voltando para sua ancestralidade. O corpo torna-se um livro, um arquivo aberto que grita e sussurra aquilo que muitas vezes foi escondido.

Como afirma Eduardo Oliveira(2005, p.125), no artigo *Epistemologia da Ancestralidade*, “a ancestralidade é uma forma de conhecimento e de organização do mundo, que nasce da experiência negra e que carrega valores de respeito, de conexão e de coletividade”. Isso está presente de forma muito forte na literatura feita por mulheres negras. A ancestralidade vira não só enredo, mas método e linguagem. Escrever com ancestralidade é reescrever o mundo. Essa perspectiva também desafia as formas tradicionais de se pensar a produção acadêmica, pois valoriza o sentir, o espiritual e o corpo como fontes de saber. Dessa maneira, o autor afirma:

O corpo na cultura de matriz afrodescendente pode ser compreendido a partir dos três princípios fundamentais da cosmovisão africana: diversidade, integração e

ancestralidade. O corpo é diverso desde sua constituição biológica quanto em seus múltiplos significados culturais. É integração posto que é a condição de qualquer relação; é a base da interação dos seres e da interação entre eles. É ancestral, pois o corpo é uma anterioridade. O corpo ao mesmo tempo é a ancestralidade como é por ela regido. Ancestralidade é tradição, e não se pode entender o corpo sem tradição uma vez que esta é um baluarte de signos e, dessa forma, a produtora da semiótica que significa os corpos (Oliveira, 2005, p.125).

A ancestralidade, na literatura de mulheres negras, aparece como fio condutor entre mundos, tempos e existências. Ela não é apenas um tema que atravessa a narrativa, ela é o modo como a narrativa se organiza. Escrever com ancestralidade é permitir que a memória fale, que o corpo lembre, que o sagrado se revele. A literatura torna-se um lugar onde o passado caminha junto com o presente, como ensina a filosofia de matriz africana, que não separa o visível do invisível, o real do espiritual.

A filósofa e escritora africana Sobonfu Somé(2003, p.26) no livro *O Espírito da Intimidade*, afirma que “a ancestralidade é uma relação contínua com os que vieram antes, os que andam conosco e os que virão”. Essa noção é essencial para compreender o modo como muitas autoras negras escrevem: elas não estão sozinhas. Suas palavras carregam outras presenças, outras vozes. Essa escrita é coletiva, mesmo quando fala de experiências íntimas. É uma escrita povoada de ausências que se tomam presença. A autora acrescenta:

Espíritos ancestrais podem ver o futuro, o passado e o presente. Eles veem dentro e fora de nós. Sua visão cruza dimensões. Eles têm a sorte de não ter corpos físicos como nós. Sem a limitação do corpo, eles têm a fluidez de um olho que pode se voltar para várias direções e ver de muitas formas (Sobonfu, 2003, p. 26).

Essa ancestralidade também se manifesta no corpo. O corpo da mulher negra, tantas vezes objetificado, silenciado ou violentado, é ressignificado na literatura como lugar de força, de saber e de história. O corpo das pessoas negras é um território de ancestralidade, onde “a memória pulsa no sangue, nos ossos, na pele, na dança e na dor”. Ele carrega, ao mesmo tempo, os traumas da escravidão e os segredos da cura. O corpo torna-se um livro aberto, um lugar onde a escrita se faz carne.

Na tradição bantu, por exemplo, a ancestralidade está presente na ideia de que os mortos não morrem: eles se transformam em guias, em presença invisível que acompanha os vivos. Essa visão aparece de forma simbólica na literatura feminina negra, quando personagens ou narradores estabelecem diálogos com os que partiram, ou quando sonhos, visões, intuições e cantos conduzem a história. O sagrado, nesse contexto, não está distante: ele atravessa o cotidiano, fala pelas bocas das velhas, dança nas rodas, canta nos terreiros.

Adilbênia Machado(2014) nos convida a pensar a ancestralidade como “encantamento”, ou seja, como aquilo que reconecta a vida com o mistério, com o afeto, com a natureza. Isso está presente quando autoras negras descrevem seus personagens tocando a terra, escutando os ventos, acendendo velas, cozinhando com fé, chorando com dignidade, na Literatura afro-brasileira temos, por exemplo, *Olhos d’água* de Conceição Evaristo(2014). O texto ganha uma vibração que não é apenas estética, mas espiritual. É a palavra como encantamento que cura, que ensina, que reconstrói.

É por isso que a ancestralidade, na literatura feita por mulheres negras, não pode ser lida de forma superficial ou apenas decorativa. Ela é essencial. É pela ancestralidade que essas mulheres recontam o mundo. E é por meio dela que recuperam saberes antigos que a modernidade tentou apagar. A memória se torna força narrativa, e a espiritualidade, um eixo de organização do enredo. Não há separação entre vida, corpo e palavra. Tudo pulsa junto. Tudo escreve junto. Assim, esses elementos também se entrelaçam nas personagens de *The Salt Roads*(2003), o que será desenvolvido nos próximos capítulos. Mer, Jeanne e Thais não apenas carregam o peso da ancestralidade em seus corpos, como também movimentam a narrativa a partir da dor, da espiritualidade e da memória que as habitam.

2.3 EPISTEMOLOGIAS NEGRAS E ESCRITA DE SI: O SABER ANCESTRAL COMO CONTRANARRATIVA

A escrita de mulheres negras é também um jeito de produzir conhecimento. Não é só literatura. É epistemologia. Quando essas mulheres contam suas histórias, elas estão dizendo ao mundo: "nós existimos, sentimos, pensamos e sabemos". Esses saberes vêm de muitos lugares: da oralidade, da fé, da cozinha, das festas, do silêncio, dos afetos. São saberes que nascem da vida e que têm um valor imenso. Audre Lorde(1984) fala da importância de transformar o silêncio em linguagem e ação. É isso que muitas autoras fazem quando escrevem sobre si e sobre as mulheres que vieram antes delas. A escrita de si é também escrita pela comunidade, pois carrega outras vozes junto.

Escrever sobre si é também escrever sobre nós. É lembrar da mãe, da avó, da vizinha, da parteira, da benzedeira, da mulher que ensinou a rezar ou a dançar. É um jeito de homenagear quem veio antes e de abrir caminhos para quem virá depois. Por isso, a escrita feminina negra é uma contranarrativa: ela lida com as versões oficiais da história e mostra

outras formas de ser e estar no mundo. Como nos lembra Grada Kilomba(2019), o ato de escrever é também um ato de descolonizar o pensamento. A autora afirma:

Meus escritos podem ser incorporados de emoção e de subjetividade, pois, contrariando o academicismo tradicional, as/os intelectuais negras/os se nomeiam, bem como seus locais de fala e de escrita, criando um novo discurso com uma nova linguagem. Eu, como mulher negra, escrevo com palavras que descrevem minha realidade, não com palavras que descrevam a realidade de um erudito branco, pois escrevemos de lugares diferentes. Escrevo da periferia, não do centro. Este é também o lugar de onde eu estou teorizando, pois coloco meu discurso dentro da minha própria realidade (Kilomba, 2019, p. 40).

A escrita de mulheres negras é também uma forma de produzir conhecimento. Trata-se de uma epistemologia que nasce da vida, da dor, da alegria e da experiência coletiva. Quando essas mulheres escrevem sobre si, estão, ao mesmo tempo, escrevendo sobre muitas: sobre suas mães, avós, irmãs, vizinhas, amigas, professoras, benzedadeiras. A escrita de si é também a escrita de um nós ancestral.

Essas epistemologias negras se opõem ao modelo racionalista, eurocêntrico e “neutro” que domina o campo do conhecimento tradicional. Ao invés de separar razão e emoção, corpo e mente, o saber ancestral valoriza a sensibilidade, a memória, o sonho, a escuta. Como diz bell hooks (2019, p. 155), “o amor é um ato de resistência”. E o amor à própria história, à própria pele e à palavra herdada das mais velhas também é uma forma de resistir. Quando uma mulher negra escreve sobre sua trajetória, ela está contrariando todo um sistema que tenta calá-la. Ao se reconectarem com suas ancestralidades, elas "olham de volta" para desafiar a opressão, buscando redefinir suas próprias existências. bell hooks afirma (2019, p. 155) que "para as mulheres negras, o ato de olhar pode ser subversivo, um exercício de poder que nega a opressão".

Sendo assim, a escritora enfatiza a importância de desafiar representações restritivas e criar um espaço para que as vozes das mulheres negras sejam ouvidas, uma ideia que é essencial para a construção das protagonistas de Nalo Hopkinson que se apropriam de suas identidades de maneira subversiva e revolucionária. bell hooks(2019) também explora como a memória e o patriarcado desempenham um papel importante na construção das identidades das mulheres negras e como o processo de autoafirmação muitas vezes envolve o resgate de histórias e culturas que foram destruídas pelo colonialismo.

Eduardo Oliveira (2005), em sua tese sobre epistemologia da ancestralidade, propõe uma leitura filosófica da escrita negra como prática de cuidado, cura e identidade. Para ele, escrever com ancestralidade é escrever com o corpo inteiro. É permitir que o tambor do peito

guie a caneta, que a lembrança da avó oriente o parágrafo, que o cheiro do feijão no fogo traga de volta um tempo em que a palavra não era separada do afeto. A escrita negra, nesse sentido, é uma forma de formar mundos.

Não é por acaso que muitas autoras negras constroem suas narrativas a partir de fragmentos, de vozes múltiplas, de silêncios e repetições. Isso reflete uma maneira de ver o mundo onde o conhecimento não está apenas nos livros ou nos dados, mas também na sabedoria da rua, da reza, do canto, da cozinha. A escrita de si carrega marcas de uma cultura coletiva, onde o saber é vivido, compartilhado e transmitido com respeito.

Além disso, essa escrita também é política. Ela confronta a história oficial, que muitas vezes silenciou ou deturpou a experiência de mulheres negras. Ao contar suas próprias histórias, essas autoras produzem o que bell hooks(2019) chama de “lugar de fala radical”. Elas não pedem licença para existir. Elas afirmam sua presença com firmeza e beleza. Escrever-se é, então, um ato de revolução e de “reumanização”.

Ao final deste capítulo, é possível afirmar que a ancestralidade, o corpo e a memória compõem uma epistemologia própria, uma forma de pensar, sentir e narrar o mundo a partir das experiências de mulheres negras. A escrita feminina negra é um campo de saber, de resistência e de encantamento. Ela se sustenta na escuta dos mais velhos, no afeto entre as iguais, e na coragem de sonhar um futuro em que a palavra negra seja celebrada e não silenciada.

É a partir dessas bases que seguiremos para os próximos capítulos, analisando como essa epistemologia está presente na obra *The Salt Roads*(2003), de Nalo Hopkinson. Observaremos como Thais, Mer e Jeanne carregam, em seus corpos e trajetórias, essas forças que discutimos aqui: a memória, o sagrado, a luta e a palavra. A literatura, mais uma vez, mostra que pode ser caminho, espelho e tambor.

No próximo capítulo, voltamos o olhar para a literatura afro-caribenha, seus contextos históricos e culturais, para compreendermos em que terreno simbólico se forma a escrita de Nalo Hopkinson(2003). Essa trajetória será essencial para entendermos como a ancestralidade, ao atravessar continentes e tempos, molda não só a identidade das personagens, mas também a própria forma de narrar da autora.

3 A LITERATURA AFRO-CARIBENHA E O CONTEXTO DE NALO HOPKINSON

Nesta seção, buscamos compreender os principais elementos que compõem a literatura afro-caribenha, marcada pelas memórias da colonização, pelas rupturas da diáspora e pelas práticas espirituais de sobrevivência. Para isso, contextualizamos a produção de Nalo Hopkinson(2003) no campo das epistemologias de resistência e investigamos de que modo sua escrita dialoga com a oralidade, o sincretismo religioso e os traumas históricos que atravessam os corpos negros no Caribe.

3.1 TRAUMAS COLONIAIS E MEMÓRIA COLETIVA: O CORPO CARIBENHO MARCADO PELA DIÁSPORA

A memória coletiva, na perspectiva de Stuart Hall(2003), é um elemento constitutivo da identidade cultural, especialmente no contexto das sociedades marcadas pela diáspora e pelo colonialismo. *Em The Salt Roads*(2003), essa memória se manifesta como força vital que conecta as personagens às suas ancestralidades e às dores históricas compartilhadas. Hall(2003) compreende a identidade não como algo fixo, mas como um processo em constante reconstrução, atravessado por práticas culturais, políticas de representação e memórias do passado colonial. É justamente essa memória fragmentada e tensionada que orienta as protagonistas da obra em suas buscas por pertencimento, cura e resistência. Ao resgatar lembranças que foram silenciadas pelo colonialismo, a narrativa de Nalo Hopkinson(2003) reafirma a importância de revisitar a história a partir de vozes negras e femininas, tornando a memória um campo de disputa, afirmação e transformação.

A literatura afro-caribenha nasce de uma ferida aberta: a experiência da escravidão, da colonização e da diáspora forçada. Esse trauma coletivo atravessa corpos, territórios e gerações, e se transforma em palavra, resistência e memória. Escrever a partir do Caribe é, muitas vezes, escrever a partir da perda, do deslocamento e da reconstrução. A identidade caribenha é forjada nas encruzilhadas do mundo, nas misturas forçadas e reinventadas, nas dores que se tornam cantos, ritos e poesia.

Para Hall(2003), a diáspora é um conceito importante na compreensão da identidade negra, particularmente no contexto da diáspora africana, segundo o autor, “a identidade é sempre produzida no interior de múltiplas representações” (Hall, 2003, p. 27). O conceito de identidade é encontrado em *The Salt Roads*(2003), na qual Nalo Hopkinson(2003) examina como as personagens constroem as suas identidades com base em memórias coletivas e histórias transmitidas através de gerações, enfatizando como a raça e a cultura

podem ser fontes de força. O autor enfatiza que a diáspora é caracterizada pela experiência de deslocamento e pela criação de novas conexões culturais, uma ideia que Hopkinson explora ao apresentar alguns personagens que se movem entre diferentes territórios e culturas.

O Caribe foi um dos primeiros territórios colonizados pelas potências europeias, tornando-se um dos principais centros do tráfico transatlântico de africanos escravizados. Essa realidade impactou as culturas locais e marcou os corpos negros com a violência física, espiritual e simbólica do colonialismo. As ilhas caribenhas não apenas foram transformadas em zonas de exploração econômica, mas também em laboratórios de controle, onde os corpos negros eram sistematicamente desumanizados. A escravidão no Caribe, como em outras partes da América, não foi apenas uma prática econômica, mas também uma tentativa de apagar saberes, espiritualidades e modos de vida.

Essa desumanização teve impactos, especialmente sobre os corpos das mulheres negras, que foram constantemente objetificadas e violadas. Como afirma bell hooks(2019), a história da mulher negra na diáspora é marcada por uma dupla marginalização pelo racismo e pelo sexismo que configura um lugar de exclusão dentro da própria exclusão. Angela Davis(2016) também nos lembra que o corpo feminino negro foi transformado em máquina de trabalho e objeto sexual pelo sistema escravagista, um processo de violência que deixou marcas físicas e simbólicas profundas. Essas marcas, no entanto, não definem por completo as mulheres negras da diáspora. Elas também carregam uma força ancestral que resiste, que fala, que transforma a dor em linguagem.

Segundo Angela Davis (2016, p. 41), “a luta das mulheres negras é um símbolo poderoso de resistência contra o racismo e o sexismo.” Com essa afirmação, Angela Davis(2016) destaca o papel central das mulheres negras como símbolos de resistência que podem ser utilizados para analisar as protagonistas em *The Salt Roads*(2003), que encontram nas suas ligações espirituais e ancestrais uma forma de enfrentar e resistir às injustiças de seu tempo. Angela Davis(2016) também fala sobre a importância da memória histórica e da preservação cultural como ferramentas de resistência e identidade.

A identidade afro-caribenha, portanto, não nasce de uma continuidade linear, mas de uma ruptura. Ela se constrói a partir de restos, memórias fragmentadas, silêncios forçados e reinvenções. O corpo, nesse contexto, torna-se um campo de memória e disputa. O corpo negro carrega marcas da violência colonial, mas também registros de resistência, de herança e de desejo. A ancestralidade está inscrita no corpo: ela pulsa no sangue, na pele, no gesto, na dança.

O corpo é mais que uma memória. Ele é uma trajetória. Uma anterioridade. Uma ancestralidade. Por isso é preciso fazer o movimento da volta, mas volta não é retrocesso. É movimento descontínuo e polidirecional. Como a teia de aranha. Trata-se de inventar enquanto se resgata; trata-se de re-criar enquanto se recupera. Assim é o movimento do corpo e da cultura (Oliveira, 2005, p.131).

A literatura feita por autoras caribenhas muitas vezes dá centralidade a esse corpo não como objeto, mas como sujeito de saberes, de experiências e de espiritualidade. O corpo da mulher negra, especialmente, é o lugar onde o trauma e o encantamento se encontram, onde a dor se transforma em narrativa. A memória coletiva afro-caribenha não se estrutura apenas por meio de registros históricos oficiais, mas também por práticas culturais como a oralidade, os rituais religiosos, os provérbios e os cantos. Esses elementos guardam e transmitem histórias que não foram escritas nos livros coloniais, mas que sobreviveram nas bocas das mulheres, nas rezas das avós e nas danças dos terreiros.

Na literatura, essa memória se transforma em estratégia de reconstrução identitária. As personagens caribenhas não apenas carregam o peso da história: elas tentam ressignificá-lo. Muitas vezes, isso se dá por meio de sonhos, visões, rituais e flashbacks que rompem com a linearidade da narrativa tradicional. O tempo, nessa literatura, não é cronológico, é ancestral. O passado não está morto, caminha ao lado dos vivos, sussurra no ouvido das personagens, aparece nos sonhos, nos cheiros, nas dores do corpo.

Em *The Salt Roads*(2003), essa perspectiva se manifesta nas trajetórias das três protagonistas: Thais, Mer e Jeanne. Todas elas, embora em tempos e espaços diferentes, vivem em contextos atravessados pela violência colonial. Seus corpos são marcados por opressões políticas, raciais e de gênero, mas também carregam uma força ancestral que insiste em sobreviver. Mer, por exemplo, é uma curandeira e guia espiritual em uma plantação colonial, e sua existência é permeada por perdas, mas também por resistência. Jeanne lida com os impactos do racismo estrutural na Europa do século XIX, enfrentando o apagamento de sua voz e o esvaziamento de sua imagem. Thais, por sua vez, navega entre o erotismo e o sagrado, em uma sociedade que a desumaniza, mas também a espiritualiza. Ao contar essas histórias entrelaçadas por meio da entidade Lasirén, Nalo Hopkinson(2003) recupera uma memória coletiva que não é linear, e sim, espiralada que retorna para curar e ensinar.

Assim, o trauma colonial, longe de ser um ponto final, torna-se uma matéria viva na literatura afro-caribenha. Ele é lembrado, recontado, reinventado. A literatura funciona como um espaço de memória, de escuta e de cura. As palavras funcionam como tambores, como

rezas, como sal sobre as feridas. E é nesse lugar entre a dor e a reconstrução que muitas autoras caribenhas constroem seus mundos, onde o passado ferido não é esquecido, ao contrário, é acolhido como parte da travessia que forma o presente.

3.2 SINCRETISMO, ESPIRITUALIDADE E ORALIDADE: ELEMENTOS AFRO-CARIBENHOS NA CONSTRUÇÃO DAS PERSONAGENS

A espiritualidade é um dos pilares mais marcantes da literatura afro-caribenha. Ela não aparece apenas como tema, é estrutura, linguagem e presença. Nos textos escritos por mulheres negras da diáspora, o sagrado não está separado da vida cotidiana, mas entrelaçado com os gestos mais simples, com o corpo, com o silêncio e com a palavra. A espiritualidade, nesse contexto, é também resistência. Ela guarda memórias, contesta imposições coloniais e renova os laços com a ancestralidade.

Nas culturas afro-diaspóricas, o sincretismo é uma resposta ao apagamento. Durante séculos, as religiões de matriz africana foram proibidas, demonizadas e perseguidas pelos colonizadores, que impuseram o cristianismo como única forma legítima de fé. No entanto, os povos negros escravizados e seus descendentes encontraram formas de preservar seus orixás, seus encantamentos e suas rezas, disfarçando-os sob nomes e imagens cristãs. O sincretismo, não foi submissão, foi estratégia de sobrevivência espiritual.

Em *The Salt Roads*(2003), esse sincretismo aparece de forma orgânica e poderosa. A entidade espiritual Lasirén é uma figura inspirada na deusa do mar do vodu haitiano, mas também dialoga com Iemanjá, com figuras de sereias da tradição popular e com arquétipos femininos de diversas culturas. Lasirén não é apenas uma personagem: é uma presença viva que habita os corpos das protagonistas, conduz suas emoções, compartilha suas dores e sonhos. Ela transita entre mundos e entre tempos, e com isso costura as histórias de Mer, Thais e Jeanne com um fio sagrado que resiste ao esquecimento.

Essa entidade representa o elo ancestral entre as mulheres negras da diáspora, que foram separadas pelo tempo e pela geografia, mas conectadas por uma espiritualidade que se recusa a morrer. Lasirén é corpo e espírito. É lágrima e oceano. É dor e travessia. Sua atuação espiritual não é mágica no sentido eurocêntrico do termo, ela é profundamente política e afetiva. Como lembra bell hooks(2019), a espiritualidade das mulheres negras é parte de sua prática cotidiana de cuidado, força e resistência. Não se trata de uma fé passiva, mas de uma conexão ativa com o que foi herdado, se sente e com o que se invoca.

A oralidade, nesse mesmo movimento, é a ponte entre o passado e o presente. Antes da escrita, a palavra foi canto, foi história contada de mãe para filha, foi reza cochichada na cozinha, foi lamento e bênção. Em *The Salt Roads*, Nalo Hopkinson(2003) escreve como quem canta, como quem lembra. Sua escrita tem pausas, repetições, ruídos e sopros. Ela lembra a cadência de uma roda de histórias ou de uma cerimônia espiritual. Não há separação entre forma e conteúdo: a própria forma da escrita já carrega o espírito da oralidade afro-caribenha.

Em diversos momentos da narrativa, Mer vivencia uma ligação espiritual com Lasirén por meio de sonhos, vozes e sinais corporais, percebendo sua presença como guia e força ancestral. Essas manifestações revelam-se especialmente em seus rituais de cura e no modo como transmite saberes à comunidade. Ela também transmite saberes espirituais e medicinais por meio da palavra falada, da escuta atenta e dos ensinamentos do cotidiano. Jeanne, por sua vez, ainda que mais distante de práticas religiosas formais, vive experiências que desafiam sua racionalidade, como visões, intuições e deslocamentos espirituais. Já Thais, mesmo vivendo num contexto marcado por visões religiosas restritivas, sente em seu corpo uma força mística que a conecta a algo maior. Em todas elas, o sagrado não é algo distante, é interno, é vivido. Está nos sonhos, nos gestos, nos ritos, nas águas.

A palavra na literatura afro-caribenha não é neutra. Ela é encantada. Não é qualquer escrita: é uma escrita que carrega a experiência vivida, que reconhece o corpo como espaço de saber, e que afirma a ancestralidade como fonte legítima de conhecimento. Nalo Hopkinson(2003), ao escrever sua obra, não apenas narra a espiritualidade, ela a convoca, a atualiza, a faz viver no ritmo da sua linguagem.

A espiritualidade afro-diaspórica, também desafia o binarismo ocidental entre fé e razão, corpo e alma, realidade e imaginação. Ela propõe uma outra ontologia, uma outra forma de estar no mundo. Nas cosmologias africanas e nas religiões do Caribe, tudo está interligado: o visível e o invisível, os vivos e os mortos, os sonhos e os acontecimentos. Lasirén, como símbolo dessa cosmovisão, atua nos momentos de transição das personagens quando elas adoecem, se libertam, se entregam ou renascem. Ela está ali não como explicação, mas como presença. Uma presença ancestral.

É importante destacar que essa espiritualidade, além de poética, é política. Ao colocar o sagrado negro no centro da narrativa, Nalo Hopkinson(2003) questiona as imposições religiosas coloniais e valoriza práticas que foram historicamente demonizadas. Ao invés de representar a espiritualidade africana como exotismo, ela a trata com respeito, profundidade e

humanidade. Isso é parte de uma escrita decolonial, que recusa os modelos eurocêntricos de religiosidade e valoriza o saber ancestral como legítimo e necessário. A fé, aqui, é linguagem, é caminho e é força.

Além disso, o uso da oralidade como técnica narrativa nos lembra que a literatura negra não precisa seguir os moldes europeus de escrita. Nalo Hopkinson(2003) constrói sua narrativa com outras ferramentas: com a fala da avó, com o som do tambor, com o sussurro da deusa, com a vibração do sal. Ela escreve com o corpo e com a escuta. E, ao fazer isso, afirma uma literatura que não pede licença, ela entra e ocupa espaço.

3.3 A ESCRITA DE NALO HOPKINSON COMO AFROFUTURISMO DECOLONIAL

A escrita de Nalo Hopkinson(2003) é um gesto radical de imaginação e ancestralidade. Sua narrativa rompe com os modelos ocidentais de tempo, linearidade e sujeito, e se inscreve em um projeto mais amplo de escrita decolonial, que busca libertar a palavra negra das amarras da lógica colonial. Inserida na tradição do afrofuturismo, a autora reconfigura o passado, o presente e o futuro de pessoas negras, centrando a espiritualidade, o corpo, o trauma e a cura como elementos estruturantes. Escrever, para ela, é um ato de memória e invenção de libertação e encantamento. Womack acrescenta sobre o afrofuturismo:

Seja por meio da literatura, das artes visuais, da música ou da organização popular, os afrofuturistas redefinem a cultura e as noções de negritude para o presente e o futuro. Ao mesmo tempo uma estética artística e uma estrutura para a teoria crítica, o afrofuturismo combina elementos de ficção científica, ficção histórica, ficção especulativa, fantasia, afrocentricidade e realismo mágico com crenças não ocidentais. Em alguns casos, é uma releitura total do passado e uma especulação sobre o futuro, repleta de críticas culturais (Womack, 2013, p. 9).²

O afrofuturismo, como corrente estética e política, emerge do desejo de imaginar mundos em que as populações negras não estejam definidas apenas pelo sofrimento, mas pela possibilidade. Ele é, como aponta Ytasha Womack (2013, p.9) “uma intersecção de imaginação, tecnologia, futuro e libertação”³. Ele já era vivido em corpos, danças, sonhos e

² Do original: Whether through literature, visual arts, music, or grassroots organizing, Afrofuturists redefine culture and notions of blackness for today and the future. Both an artistic aesthetic and a framework for critical theory, Afrofuturism combines elements of science fiction, historical fiction, speculative fiction, fantasy, Afrocentricity, and magic realism with non-Western beliefs. In some cases, it's a total reenvisioning of the past and speculation about the future rife with cultural critiques (Womack, 2013, p. 9).

³ Do original: Ytasha Womack (2013, p.9) “an intersection of imagination, technology, the future, and liberation.”

narrativas muito antes. A estrutura de *The Salt Roads*(2003) reflete esse rompimento com o padrão eurocêntrico de narrativa linear. O romance constrói-se como um mosaico de histórias, vozes e tempos. Não há um centro fixo. Há movimento, fluxo, conexão espiritual entre mundos aparentemente distantes. Essa fragmentação proposital é coerente com a proposta estética de uma literatura afro-diaspórica que reconhece a ruptura como ponto de partida e a multiplicidade como força criadora

Na obra, o tempo narrativo não é cronológico. Ele se move em espiral, em sobreposição, em atravessamentos. O passado, o presente e o futuro se encontram nas lembranças, nos sonhos, nas vozes que se repetem entre as personagens. Essa percepção do tempo está alinhada com as cosmologias africanas e afro-diaspóricas, que compreendem o tempo como ciclo, retorno e continuidade. Não se trata de negar o tempo histórico, mas de multiplicá-lo, dando lugar à memória afetiva, à ancestralidade espiritual e à experiência encarnada da travessia.

A personagem que simboliza essa travessia é Lasirén, a entidade espiritual que atua como fio condutor da narrativa. Inspirada em divindades das religiões de matriz africana, como o vodu haitiano e o candomblé brasileiro, Lasirén é um elo entre mundos. Sua presença não é apenas simbólica: ela atua diretamente nas sensações, nas decisões, nas dores e nos afetos das personagens. Ela é água, sal, canto, encantamento. Em vez de narrar como um narrador onisciente, Lasirén sente, sussurra e intui. Sua voz é ritmo, é fluxo, é memória viva. E, ao fazer isso, ela incorpora a própria estética afrofuturista, que dá lugar ao que foi excluído pela lógica racional ocidental: o sensível, o invisível, o mágico, o espiritual.

A espiritualidade, nesse contexto, não é apenas um tema, é uma linguagem. Nalo Hopkinson(2003) utiliza o sagrado como estrutura narrativa, como método e como resistência. Em vez de separar fé e razão, corpo e alma, escrita e rito, ela costura tudo isso num mesmo tecido. Isso está profundamente ligado ao conceito de encantamento proposto por Adilbênia Machado(2010), para quem o encantamento é um gesto de reorganizar o mundo com base em outras lógicas, mais sensíveis, mais afetivas e mais coletivas. Em Nalo Hopkinson(2003), escrever é também rezar, é ouvir vozes que vêm de antes, é permitir que o invisível diga o que a razão não consegue nomear. A linguagem, em sua obra, também é ferramenta de descolonização. Ela mistura registros, alterna vozes, incorpora o inglês caribenho e cria pausas, silêncios e musicalidades que lembram a oralidade ancestral. Além disso, sua escrita valoriza as vozes femininas como centro da narrativa. Ela rompe com o silenciamento

histórico das mulheres negras, não apenas dando voz às personagens, construindo-as com profundidade, contradição e complexidade.

O afrofuturismo em *The Salt Roads*(2003) é de resistência e reencantamento. Ele não se apoia em tecnologias distantes ou em ficções científicas futuristas, mas na ancestralidade como base de transformação. A escritora nos mostra que o futuro pode ser imaginado a partir das memórias do passado e que a espiritualidade negra é, sim, um caminho de inovação estética e política. Essa espiritualidade não é fantasia: é saber. É epistemologia que vem do corpo, da reza, do tambor, do silêncio, da água salgada e das mãos que cuidam.

É importante lembrar que, como aponta Angela Davis(2016), a resistência das mulheres negras ao longo da história sempre esteve ligada à capacidade de imaginar outras formas de vida, mesmo em contextos de profunda opressão. Essa imaginação não é evasão: é estratégia de sobrevivência. “Ao longo da história dos Estados Unidos, as mulheres negras sempre enfrentaram condições extremamente desfavoráveis, mas também sempre participaram ativamente na luta por mudanças.” (Davis, 2016, p. 33). Esse trecho é um exemplo da perspectiva da autora sobre o tratamento dispensado às mulheres negras ao longo da história, um conceito que poder ser aplicado às personagens de Nalo Hopkinson(2003), mesmo no que se refere à opressão e à descoberta de força nas suas raízes e ancestrais para desafiar as estruturas de poder.

A autora também propõe um novo modo de pensar a autoria negra. Em vez de assumir a neutralidade da escrita, ela assume sua subjetividade, sua escuta, seu compromisso com as vozes que vieram antes. Ela constrói sua casa com outras ferramentas: a fala da avó, o canto das águas, o silêncio que pulsa, o corpo que sonha. Sua escrita é uma casa ancestral, que abriga os que foram deixados de fora da história oficial.

O que a autora realiza em *The Salt Roads*(2003) é uma proposta de literatura como prática ancestral e política. Uma escrita que acolhe a dor sem se deixar definir por ela. Que transforma trauma em travessia e silenciamento em canto. Essa é uma das grandes potências do afrofuturismo decolonial: imaginar mundos onde os sujeitos negros, em especial as mulheres negras, não estejam presos à narrativa única da opressão, mas possam existir em sua complexidade, contradição e liberdade. Como nos lembra bell hooks(2019), escrever a partir da experiência negra é também uma forma de curar feridas, de descolonizar o pensamento e de criar novos futuros possíveis.

O afrofuturismo, na escrita de Nalo Hopkinson, não é apenas um exercício de imaginação: é um gesto de reparação e de memória. É uma forma de articular mundos

possíveis a partir de heranças espirituais e culturais que sobrevivem, mesmo diante do apagamento sistemático. Lasirén, entidade central na narrativa, representa essa memória viva, essa ligação com o invisível que estrutura e atravessa a obra. O sagrado, a língua, o corpo e o tempo são reconfigurados como ferramentas de sobrevivência, reinvenção e beleza. Com isso, *The Salt Roads*(2003) se insere como uma obra fundamental dentro da literatura afro-diaspórica contemporânea, pois convoca suas leitoras a escutarem outras vozes, sentirem outros ritmos e se conectarem com outras formas de saber. Essa escrita nos conduz por caminhos que desafiam as fronteiras da razão e da forma, abrindo espaço para uma literatura que se constrói com encantamento, corpo, espiritualidade e coragem.

No capítulo seguinte, aprofundaremos a leitura das personagens que atravessam esta obra, observando como suas histórias particulares são também parte de um percurso ancestral compartilhado marcado pela dor, pela travessia e pela força de permanecer viva em meio ao sal.

4 ANCESTRALIDADE COMO ELO ENTRE AS PERSONAGENS EM *THE SALT ROADS*

A análise das personagens Mer, Thais e Jeanne, no romance *The Salt Roads*(2003), permite perceber como a ancestralidade opera como um elo entre tempo, corpo e espiritualidade. Nesta seção, propomos uma leitura crítica das trajetórias das três protagonistas, observando suas dores, resistências e processos de cura, bem como o papel simbólico e espiritual de Lasirén como condutora dessas experiências. A ancestralidade aqui se revela como presença viva, que pulsa na travessia de cada mulher.

4.1 JEANNE, MER E THAIS: ENTRE TEMPOS, DORES E RESISTÊNCIAS

A narrativa de *The Salt Roads*, de Nalo Hopkinson(2003), articula três personagens femininas negras, de tempos e espaços distintos, unidas por uma energia ancestral: Jeanne, Mer e Thais. Cada uma carrega em si a herança de uma história marcada por opressões coloniais, raciais, espirituais e de gênero, como também por práticas de resistência, de reinvenção e de escuta do invisível. Nalo Hopkinson(2003) constrói essas personagens como

mulheres inteiras, atravessadas pelo sagrado e pela dor, pela memória e pelo sal⁴. Elas não se encontram fisicamente, mas suas vivências ressoam umas nas outras por meio de uma ancestralidade viva, representada pela entidade espiritual Lasirén. A partir disso, este capítulo se dedica a compreender como essas três mulheres constroem, cada uma a seu modo, percursos de resistência que transcendem as fronteiras do tempo e das geografias.

Mer é uma curandeira e líder espiritual em uma plantação colonial no Caribe do século XVIII. Vivendo sob o regime da escravidão, sua existência é atravessada pela dor da perda, pela luta pela sobrevivência e pela responsabilidade de cuidar de sua comunidade. O corpo de Mer carrega tanto marcas visíveis da violência do sistema escravagista, quanto marcas invisíveis: as de um saber ancestral que lhe foi transmitido por outras mulheres negras antes dela. Mer atua como uma figura de sabedoria e resistência cotidiana. Ela cura, escuta, aconselha. Sua espiritualidade não é abstrata: está no gesto, na folha, no sussurro, na terra e no corpo. Quando Mer sente Lasirén pela primeira vez, o contato é físico, sensorial, inexplicável e profundo.

Ainda nas primeiras páginas da narrativa, a personagem Mer é apresentada como uma mulher curandeira, enraizada na espiritualidade e nos saberes tradicionais da comunidade escravizada onde vive. Sua relação com o mundo espiritual é construída de forma densa e afetiva, marcada por rituais e silenciosas percepções do invisível. No entanto, é apenas algumas páginas depois de sua introdução que ocorre seu primeiro contato direto com Lasirén, a entidade espiritual que atravessa todo o romance. Nesse momento, a deusa se manifesta com clareza, convocando Mer a agir diante de um rompimento ancestral.

Segundo Nalo Hopkinson (2003, s/p) “O mar na mente dos meus Ginen. As estradas marítimas, as estradas salgadas. E as doces também; os rios. Não dá mais para segui-los até suas nascentes. Você precisa consertar isso, Mer”⁵. A presença de Lasirén inaugura uma jornada de reconexão espiritual e de missão coletiva, situando Mer como ponte entre mundos, entre tempos e entre feridas que ainda sangram. O chamado não é apenas pessoal, ele é ancestral. Em outra passagem do livro, Nalo Hopkinson descreve as sensações de Mer em

⁴ O sal, em *The Salt Roads*(2003), assume um papel simbólico: representa o elo entre as personagens, a memória do sofrimento e da resistência do povo negro, bem como a conexão espiritual com Lasirén. A substância, presente no suor, nas lágrimas, nas águas do mar e nos rituais espirituais, atua como um fio condutor entre tempos, espaços e corpos, marcando as travessias das protagonistas e evocando a ancestralidade como fonte de cura e força coletiva.

⁵ Do original: Hopkinson(2003, s/p) “The sea in the minds of my Ginen. The sea roads, the salt roads. And the sweet ones, too; the rivers. Can’t follow them to their sources anymore. You must fix it, Mer”. (Hopkinson, 2003, s/p).

algo como: "Ela tinha ido embora, mas a água na minha boca estava morna e meus joelhos estavam molhados. Eu tinha me mijado. O que tinha acontecido?" (Hopkinson, 2003, s/p).⁶

O contato com Lasirén é um momento de ruptura e de abertura. A presença espiritual rompe com o racional, com o controle. Lasirén atua como desestabilização e, ao mesmo tempo, como reencontro. Mer, que vive num mundo dominado por senhores e pela lógica do açoite, encontra na entidade uma outra forma de existir: mais intuitiva, mais ancestral, mais enraizada no invisível.

Thais, por outro lado, vive no século III, em Alexandria, e trabalha como prostituta. Ela habita um mundo marcado por forte repressão sexual e religiosa, mas, ao contrário do que poderia se esperar, sua trajetória não é conduzida pela culpa ou pela vergonha. Thais se reconecta ao sagrado por meio do prazer, do erotismo e do corpo. A espiritualidade em sua narrativa está entrelaçada ao desejo. Em um dos momentos mais intensos, Lasirén se manifesta nela durante o sexo, quebrando qualquer separação entre o sagrado e o erótico: "Uma mulher estava dentro de mim. Algo estava dentro de mim, nadando pelos meus ossos, quente, escorregadio e insistente." (Hopkinson, 2003, s/p).⁷

Essa cena é radical: o contato com o divino acontece no meio do ato sexual, desafiando as estruturas patriarcais e coloniais que sempre tentaram separar corpo e espírito, prazer e fé. Em Thais, o erótico não é oposto ao sagrado é a via por onde o sagrado se manifesta. O corpo feminino, historicamente silenciado, torna-se portal de acesso ao divino. Thais experimenta isso sem mediação, sem dogma, sem interdição.

A construção de Thais desafia as formas clássicas de representação da mulher negra: ela não é martirizada, não é punida por seu desejo, nem se submete à lógica da culpa. Ela é complexa, contraditória, viva. O erotismo, nesse sentido, é mais do que prazer: é autoconhecimento, é reconexão com a ancestralidade, é poder. Nalo Hopkinson(2003), ao escrever essa personagem, propõe uma espiritualidade afro-diaspórica que acolhe o corpo em sua plenitude, que reconhece o prazer como saber, e que rompe com a cisão entre alma e carne imposta pelo cristianismo ocidental.

Jeanne Duval, a terceira personagem, vive em Paris, no século XIX. Ela é artista, dançarina, companheira do poeta Charles Baudelaire, mas, acima de tudo, é uma mulher negra

⁶ Do original: "She was gone from me, but the water in my mouth was warm, and my knees were wet. I had pissed myself. What had happened?" (Hopkinson, 2003, s/p).

⁷ Do original: "A woman was inside me. Something was in me, swimming through my bones, warm and slick and insistent." (Hopkinson, 2003, s/p).

vivendo em um espaço que a exalta como exótica, porém a rejeita como sujeito. Jeanne experimenta o apagamento constante: é vista como musa, mas não como autora; como corpo, mas não como voz. Sua presença na narrativa é marcada por conflitos internos e externos, pois ela tenta afirmar sua identidade em meio a uma sociedade que insiste em reduzi-la a estereótipos. "Eu era a Vênus Negra. Dele. A garota no canto, sua sombra, sua fantasia." (Hopkinson, 2003, s/p)⁸. Essa fala revela a tensão entre a imagem e a existência. Jeanne é tratada como imagem sensual, exótica, inspiradora, mas isso a torna invisível em sua complexidade. Ela luta contra a objetificação e contra a solidão imposta por uma sociedade que a idolatra e a marginaliza ao mesmo tempo. Em Jeanne, vemos a dimensão da resistência simbólica. Sua luta é pelo direito de existir para além dos olhares brancos que a desejam e a definem. Como aponta Grada Kilomba (2019), o racismo opera por meio da negação da subjetividade do sujeito negro. Hopkinson, ao dar voz a Jeanne, reverte essa lógica: a musa vira narradora; o corpo vira palavra.

Embora distantes no tempo e no espaço, Mer, Thais e Jeanne compartilham experiências fundamentais: todas vivem a opressão racial, sexual e espiritual; todas têm seus corpos controlados ou violentados; e todas se conectam, de algum modo, com uma força ancestral que as ajuda a resistir, uma memória que não se apaga, que persiste no sal, no sangue, no sonho. A ancestralidade, nesse sentido, não é um passado fixo, mas um campo vivo de reconexão.

Mer resiste curando. Thais resiste desejando. Jeanne resiste criando. Cada uma encontra, em meio ao caos, uma forma de seguir viva. E todas são, de formas diferentes, tocadas por um sagrado que não pede permissão: apenas chega. Lasirén age como elo simbólico entre elas, mas o que realmente as une é a forma como suas existências e suas dores se tornam caminhos de resistência. Como lembra Angela Davis(2016), a luta das mulheres negras não é apenas por liberdade física, mas por uma liberdade de imaginar outras formas de existência. Hopkinson escreve essas outras formas.

A partir da escuta dessas personagens, percebemos que a ancestralidade em *The Salt Roads*(2003) não se manifesta apenas como tema: ela é estrutura, é forma de ver o mundo, é corpo narrativo. As três mulheres carregam em si fragmentos de uma história coletiva que foi interrompida pela violência colonial, mas que insiste em continuar viva. Como escreve

⁸ Do original: "I was the Black Venus. His. The girl in the corner, his shadow, his fancy." (Hopkinson, 2003, s/p)

Eduardo Oliveira(2021), a ancestralidade é uma epistemologia negra, uma forma de conhecimento que se baseia na experiência, no afeto, no corpo e na espiritualidade. Nalo Hopkinson(2003) escreve a partir dessa epistemologia. E, por isso, sua literatura não apenas narra o mundo: ela o transforma.

4.2 O ELO ANCESTRAL: O SAL, OS CAMINHOS E LASIRÉN COMO FIO CONDUTOR

O romance *The Salt Roads*(2003) é atravessado por um elemento comum que conecta tempo, espaço, corpo e espiritualidade: o sal. Desde o título, a obra já anuncia esse elemento como símbolo, e como matéria viva de ancestralidade e travessia. O sal não é apenas substância, ele é elo. É memória da dor e ao mesmo tempo o sinal de cura. O sal está presente nas lágrimas, no suor, no sangue, na terra, na água do mar, nos ritos, nas oferendas. É por meio do sal que as histórias das três personagens (Mer, Thais e Jeanne) se entrelaçam. E é através dele que Lasirén se manifesta.

A deusa Lasirén, figura da espiritualidade vodú haitiana, representa as águas profundas, a beleza, o mistério e o poder feminino ligado ao mar. A autora a insere como narradora intermitente, presença espiritual e elo ancestral entre as protagonistas. Ela não é narradora no sentido tradicional, mas uma força que habita e atravessa. Sua existência transborda as fronteiras da lógica narrativa ocidental. Ela fala quando quer, cala quando precisa, escuta os corpos, sussurra nas entranhas. Lasirén encarna esse encantamento: ela não explica, ela conduz.

A escolha da autora por uma entidade como Lasirén para costurar a narrativa é profundamente significativa. Lasirén simboliza o mar, espaço de travessia, de morte e de sobrevivência na história da diáspora africana. O oceano Atlântico, por onde foram forçadamente transportadas milhões de pessoas negras escravizadas, é um mar de sal e sangue. E o sal, que permanece no corpo, nas lágrimas e nos rituais, é a memória que insiste em existir.

Mer sente Lasirén pela primeira vez em um momento de tensão espiritual e dor. A água escorre, o corpo se dobra, o tempo para. Lasirén se manifesta como urgência e como cuidado: "Meus joelhos cederam. Agarrei-me à parede da casa para me manter de pé. Água,

água por todo o lado, sal grosso na minha boca..." (Hopkinson, 2003, s/p)⁹. Essa passagem mostra que a presença de Lasirén não é exterior, ela invade o corpo. Ela se comunica por sensações, por espasmos, por sal. O corpo da mulher negra torna-se canal de uma espiritualidade que não é imposta, mas vivida. Mer, que já era uma guia espiritual, se vê também guiada. Isso nos mostra que o saber ancestral não é estático: ele continua se movendo, continua se revelando em novas formas. Como nos lembra bell hooks(2019), o corpo é um lugar de sabedoria e de conexão com o passado.

Thais também sente Lasirén de forma intensa e corporal. Em seu caso, a manifestação espiritual se dá através do erotismo. Durante o ato sexual, Thais é invadida por uma energia inexplicável quente, viva, insistente: "Algo quente e úmido deslizou para dentro de mim. Não o homem. Uma mulher. Uma presença. Ela brilhava no meu sangue." (Hopkinson, 2003, s/p).

¹⁰Essa cena quebra completamente com as lógicas ocidentais que separam o sagrado do prazer. O corpo da mulher negra, historicamente hipersexualizado e violentado, aqui é lugar de revelação espiritual. A escritora propõe uma espiritualidade encarnada, que se dá no prazer, no toque, no suor. O sal, aqui, é o sal do desejo, da entrega, da força vital. Lasirén não julga Thais, ela a acolhe, a desperta, a habita.

Jeanne, por sua vez, sente Lasirén como intuição, como desejo de fugir da moldura em que foi colocada. Sua conexão com a entidade é mais silenciosa, mais esparsa, mas ainda assim presente. Em momentos de dor, de perda ou de conflito com sua imagem pública, Jeanne se vê atravessada por sensações estranhas, como se algo a chamasse. Lasirén aparece como suspiro, como arrepio, como desconforto: "Havia uma canção em meus ossos. Não música, mas algo mais profundo. Sal, pele e memória." (Hopkinson, 2003, S/P)¹¹.O canto ancestral que Jeanne sente é o chamado de Lasirén.

Ela, que vive em um ambiente que a transforma em imagem, começa a escutar uma voz interna que não é a da sociedade, nem a de Baudelaire, é a da memória. Lasirén a convoca para lembrar de si mesma. O sal, aqui, é o da lágrima que não foi chorada, da dor que não foi dita, da ancestralidade que não foi ensinada.

⁹ Do original: "My knees buckled. I clutched at the wall of the house to stay upright. Water, water all around me, salt thick in my mouth..." (Hopkinson, 2003, s/p)

¹⁰ Do original: "A warm, wet something slid inside me. Not the man. A woman. A presence. She shimmered in my blood." (Hopkinson, 2003, s/p)

¹¹ Do original: "There was a song in my bones. Not music, but something deeper. Salt and skin and memory." (Hopkinson, 2003, s/p).

Lasirén, portanto, é mais do que uma deusa, ela é metáfora da ancestralidade afro-diaspórica. Ela representa a continuidade mesmo na ruptura, o elo mesmo na distância, a memória mesmo no apagamento. Ela aparece quando as personagens estão prestes a ceder ao vazio, ao cansaço, à violência. E é sempre por meio do sal que ela se manifesta: O sal vira linguagem; vira água sagrada, vira caminho. Lasirén afirma:

Eu sou a água em suas bocas, o sal em suas línguas. Eles me sangram, me enterram, e ainda assim eu ressurjo através de suas histórias. Eu venho em carne e osso e dor, em amor e lembrança.”(HOPKINSON, 2003, s/p)¹²

Esse caminho é o que conecta as três personagens. Embora vivam em contextos distintos, elas compartilham experiências de opressão e resistência. Todas enfrentam a tentativa de apagamento de seus corpos, seus saberes e suas vozes. Como também são chamadas por uma força invisível que as ajuda a permanecer. Essa força é Lasirén, mas é também aquilo que Stuart Hall(2003) chamaria de identidade em processo: uma identidade que não é fixa, mas que se constrói na travessia, na encruzilhada, no sal.

Nalo Hopkinson(2003) utiliza o simbolismo do sal como ponto de encontro entre espiritualidade e política. O sal arde, mas também purifica. Ele marca o corpo da diáspora seja como suor do trabalho forçado, como lágrima da dor, ou como água do mar que levou os ancestrais. É com o sal que se consagram os ritos, que se cozinham os alimentos sagrados, que se limpam os caminhos espirituais. O sal é também o que permanece quando tudo evapora. E é por isso que ele se torna metáfora perfeita para o elo ancestral entre essas três mulheres negras. Até mesmo quando Mer morre, ela fala dessa ligação com o sal e de como é relacionado a essa fusão com a ancestralidade, como:

Meu corpo se foi, me disseram. Mas eu ainda via o fogo. Eu ainda sentia o gosto da fumaça. Eu me levantei com o sal nos lábios. Eu não tinha ido embora. Eu havia me tornado o mar (HOPKINSON, 2003, s/p)¹³

Na tradição vodu, Lasirén é ligada ao mar, ao espelho e à sedução, e assim, ao conhecimento profundo. Ela guarda segredos. E é isso que vemos em *The Salt Roads*(2003): uma espiritualidade que não revela tudo de uma vez, mas que vai se mostrando aos poucos, como as ondas do mar que vêm e voltam. Lasirén não é uma resposta, ela é uma pergunta viva, uma presença que atravessa e transforma. Essa personagem reforça seu papel como

¹² Do original: “I am the water in their mouths, the salt on their tongues. They bleed me, bury me, and still I rise through their stories. I come in flesh and pain, in love and remembering.”(HOPKINSON, 2003, s/p)

¹³ Do original: “My body was gone, they told me. But I still saw the fire. I still tasted the smoke. I rose with the salt on my lips. I had not left. I had become the sea.”(HOPKINSON, 2003, s/p)

entidade que conhece a travessia da diáspora, que escuta o chamado dos ancestrais e que não se curva à lógica colonial.

Como escreve Angela Davis(2003), as mulheres negras sempre precisaram transformar o cotidiano em resistência. E é isso que Lasirén permite: transformar o sal da dor em sal de cura, o suor da violência em suor de prazer, a lágrima do luto em lágrima de renascimento. Mer, Thais e Jeanne não são apenas vítimas, elas são guardiãs de um saber ancestral que insiste em sobreviver. E Lasirén é a água que as conecta.

A força dessa espiritualidade está também em sua recusa a ser domesticada. Nalo Hopkinson(2003) não transforma Lasirén em personagem controlável. Ela não é redentora, nem didática. Ela é encantamento, presença, corpo. E é isso que torna sua atuação tão potente. O sagrado nas práticas negras é inseparável do cotidiano. Não está só no templo, está na cozinha, na cama, na rua, no sonho. Lasirén surge nesses lugares. Ela se move entre as frestas, não precisa de permissão para existir.

O elo ancestral que Nalo Hopkinson(2003) constrói em *The Salt Roads*(2003) é, portanto, um convite à escuta. Escutar o que o corpo diz, o que a água sussurra, o que o sal conserva. Escutar as vozes que foram silenciadas, mas que ainda vibram na pele, no gesto, na palavra. Lasirén é esse chamado. E o caminho que ela propõe não é reto, não é claro, não é fácil, mas é real. É o caminho do sal.

4.3 IDENTIDADE, ESPIRITUALIDADE E CURA NA TRAVESSIA DAS TRÊS PERSONAGENS

A travessia das personagens Mer, Thais e Jeanne, ao longo do romance *The Salt Roads*(2003), representa muito mais do que deslocamentos individuais ou experiências isoladas de sofrimento. A narrativa nos convida a compreender que cada uma dessas mulheres constrói sua identidade em diálogo com um campo de saberes ancestrais, espirituais e corporais que resistem às imposições históricas do colonialismo, do patriarcado e do racismo. A identidade, portanto, não é um ponto fixo, é um processo. E nesse processo, a espiritualidade e a ancestralidade atuam como forças que orientam, curam e reconfiguram a existência de cada personagem. É nessa direção que essa seção se propõe a caminhar: refletindo sobre como essas mulheres negras, em suas dores e resistências, constroem formas singulares de cura e de reconexão com sua herança ancestral.

No caso de Mer, a construção identitária está profundamente ligada à sua função dentro da comunidade. Curandeira, guia espiritual, mulher de saberes, ela representa um tipo de liderança feminina que nasce da escuta, da observação e do cuidado. Sua identidade é moldada pela coletividade. Mer não é só Mer: ela é as mulheres que vieram antes, as vozes que escutou, os conselhos que repete, os rituais que executa. Como aponta bell hooks(2019), a construção da subjetividade negra feminina é inseparável da relação com a comunidade. Em um mundo onde a mulher negra é historicamente desumanizada, afirmar-se como sujeito coletivo é também um gesto de cura.

No entanto, Mer também carrega feridas profundas. O peso da responsabilidade espiritual, as marcas da escravidão, a constante ameaça de violência fazem de sua identidade uma construção em tensão. Ela não é imune à dor, pelo contrário, sente tudo com intensidade. Mas é justamente essa dor que a mantém atenta ao invisível, à escuta dos sinais, à presença de Lasirén. A espiritualidade, em sua vida, é um refúgio, é uma estratégia de sobrevivência. E é isso que Mer faz: transforma a dor em saber, o saber em cura, e a cura em continuidade.

Thais, por sua vez, constrói sua identidade a partir da fragmentação. Prostituta egípcia do século IV, sua vida é marcada por rejeição, marginalização e busca por sentido. Ela se sente desconectada, sem raiz, sem nome. No início da narrativa, sua relação com o corpo é ambígua: ele é instrumento de sobrevivência, mas também lugar de vazio. No entanto, à medida que Lasirén se manifesta, Thais começa a perceber que seu corpo não é apenas mercadoria, é também território sagrado. A identidade de Thais se transforma quando ela reconhece o próprio corpo como casa da divindade.

Essa virada espiritual é também política. Ao reivindicar o erotismo como lugar de encontro com o divino, Thais desafia as estruturas patriarcais que a reduziram a um corpo a ser usado. E é isso que Thais faz. Ela se reconcilia com seu prazer, com sua intuição, com sua sensualidade. Sua identidade se fortalece à medida que ela deixa de ser objeto para tornar-se sujeito do seu desejo, da sua fé e da sua narrativa. A cura, nesse caso, não vem do exterior, vem de dentro do corpo que se permite sentir e se reconhecer como caminho espiritual.

Jeanne, por outro lado, vive o desafio da representação. Ela é, ao mesmo tempo, mulher, negra, artista e musa. Vive na Paris do século XIX, onde é romantizada e marginalizada por ser mulher negra. Sua identidade é atravessada pelo conflito entre o que os outros veem e o que ela sente. Jeanne é projetada no imaginário europeu como exótica, sensual, inspiradora, mas raramente como humana. Sua dor está na tensão entre o que é e o

que esperam que ela seja. E essa dor, silenciosa e densa, só encontra alívio quando ela se reconecta com algo que não pode ser nomeado, mas que pulsa em seu sangue: Lasirén.

A espiritualidade de Jeanne não é tão explícita quanto a de Mer ou a de Thais. Ela não realiza rituais, não pronuncia orações, não vê visões com clareza. Mas ela sente. Sente no corpo, nas lembranças, nos sonhos, nas angústias que não consegue explicar. É uma espiritualidade latente, que se revela em forma de inquietação e desejo de liberdade. A identidade de Jeanne é forjada na resistência silenciosa. Ela não grita, mas dança. Ela não exige, mas continua. Sua cura está no gesto artístico, na criação, no silêncio que vira força. Ela age como símbolo de resistência diante da repressão religiosa: Eles queimaram o quarto, não eu. Eu já tinha virado fumaça, memória, canção.” (HOPKINSON, 2003, s/p)¹⁴

Nas três personagens, portanto, a espiritualidade não aparece como doutrina, mas como vivência. Ela não é imposta, é sentida. Lasirén não aparece como uma salvadora exterior, mas como uma voz interior que chama, que pulsa, que conduz. A espiritualidade aqui é caminho de reconexão com o que foi rompido pela colonização: o vínculo com o corpo, com os ancestrais, com o feminino, com a natureza. A identidade de cada uma se fortalece à medida que essa escuta é ativada. Como aponta Eduardo Oliveira(2021), a ancestralidade é uma epistemologia: um modo de saber que se expressa no corpo, na memória e no espírito. Nalo Hopkinson(2003) escreve a partir dessa epistemologia. E, com isso, nos mostra que a cura é uma construção afetiva, coletiva e espiritual.

A cura, nessas narrativas, não é um ponto final. Ela é processo. Nenhuma das personagens é curada de forma plena, definitiva ou mágica. A ferida permanece. Mas permanece também o canto, o gesto, o toque, a presença. A espiritualidade permite que elas sigam em frente, mesmo com as dores que carregam. Isso está profundamente ligado ao conceito de resistência cotidiana. Como diz Angela Davis(2016), a liberdade não é um destino: é uma prática. E essa prática, em *The Salt Roads*(2003), se constrói na espiritualidade negra que cuida, que sonha, que resiste.

É preciso destacar que a identidade, a espiritualidade e a cura estão entrelaçadas na obra de Nalo Hopkinson(2003) por meio da linguagem. A forma como ela escreve é também uma forma de transmitir esse saber. A fragmentação, os fluxos de consciência, os múltiplos pontos de vista, tudo isso compõe uma estética que desafia a linearidade ocidental. A autora

¹⁴ Do original: “They burned the room, not me. I had already become smoke, memory, song.” (HOPKINSON, 2003, s/p)

propõe uma escrita que sente, que ouve, que dança. E é por isso que a leitura da obra se torna uma experiência espiritual.

Suas personagens representam possibilidades múltiplas de ser mulher negra. Não há uma identidade única, nem uma espiritualidade padrão. Mer, Thais e Jeanne são diferentes entre si, mas são atravessadas pela mesma força ancestral. Isso é central para a ideia de conexão transcultural que o trabalho propõe. A travessia que essas mulheres realizam não é apenas geográfica ou temporal: é espiritual e simbólica. Elas atravessam seus próprios silêncios, seus medos, suas dores. E, ao fazer isso, revelam formas de cura que desafiam a lógica colonizadora. Lasirén está na obra como elo ancestral entre as três: Eu sou aquele que eles carregam. Em seu sangue, em sua dor, em seus sonhos. Eu não acabo. Eu sou o caminho de volta para casa. (HOPKINSON, 2003, s/p)¹⁵

A autora nos mostra que a cura da mulher negra está no retorno ao que foi apagado: a memória, o rito, o sagrado, o corpo, o prazer, o afeto. Em cada uma de suas personagens, a identidade não é uma resposta pronta, mas uma pergunta viva. Quem sou eu depois da dor? Quem sou eu depois do silêncio? Quem sou eu quando escuto o sal, quando sinto a água, quando danço com o que está dentro de mim?

Essas perguntas não se encerram no fim do livro. Elas ecoam. E é nesse eco que a ancestralidade se manifesta como força de reconexão e resistência. Como nos ensina bell hooks(2019), o processo de cura começa quando nos permitimos contar nossa história a partir de nós mesmos. Mer, Thais e Jeanne não são apenas personagens: são arquétipos de mulheres que ousaram escutar suas vozes interiores, suas entidades, suas memórias. Elas representam a possibilidade de uma identidade negra feminina que se constrói com espiritualidade, coragem e reencantamento.

5 CONCLUSÃO

Ao longo deste trabalho, percorremos as rotas do sal traçadas por Nalo Hopkinson(2003) em *The Salt Roads*, observando como a ancestralidade atravessa as vivências de Mer, Thais e Jeanne. Partimos da compreensão de que a literatura negra de autoria feminina é, antes de tudo, um espaço de resgate, de resistência e de cura. As palavras

¹⁵ Do original: "I am the one they carry. In their blood, their pain, their dreams. I do not end. I am the road back home." (HOPKINSON, 2003, s/p)

escritas por mulheres negras carregam não só narrativas ficcionais, mas também registros afetivos e espirituais, enraizados nas memórias coletivas da diáspora.

A ancestralidade, enquanto eixo teórico e poético, se fez presente em todas as camadas do romance: na linguagem, no corpo das personagens, nos deslocamentos, nas perdas e nos encantamentos. Lasirén, a entidade que conecta essas três mulheres, não atua como figura mítica distante, mas como presença viva, fragmentada e em busca de si mesma. Sua travessia entre Mer, Thais e Jeanne representa também a travessia da própria ancestralidade, marcada por silêncios, violências e apagamentos, mas também por força, conexão e reconstrução.

Cada personagem enfrentou, à sua maneira, as imposições de um mundo colonial, racista e patriarcal. Mer, com sua fé ancestral e sua luta por liberdade, resiste através do cuidado coletivo. Thais, com seu corpo marcado pelo prazer e pela dor, reconstrói sua subjetividade a partir da ausência e do deserto. Jeanne, sufocada pela repressão religiosa, encontra na espiritualidade outra via de pertencimento e transgressão. Em todas elas, o sagrado não é algo externo, está no corpo, no gesto, no sal da pele.

A escrita de Nalo Hopkinson(2003) propõe uma ruptura com a linearidade ocidental e oferece uma narrativa espiralada, que valoriza o tempo ancestral, os saberes do corpo e as epistemologias negras. Com isso, a autora constrói uma obra que não apenas representa personagens negras, mas escreve a partir delas, como extensão de suas histórias e de suas vozes.

Este trabalho buscou, assim, evidenciar como a ancestralidade opera como elo simbólico, espiritual e político entre essas três mulheres. Ao reconhecer o encantamento, a memória e a dor como formas de saber, *The Salt Roads*(2003) afirma a potência da literatura negra feminina em recontar o mundo a partir de outras lógicas de quem sobreviveu, de quem rezou, de quem sangrou e ainda assim escolheu amar, lembrar e escrever.

REFERÊNCIAS

- DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Editora Boitempo, 2016.
- EVARISTO, C. **Escrevivência**: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo / organização Constância Lima Duarte, Isabella Rosado Nunes; ilustrações Goya Lopes. -- 1. ed. -- Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.
- KILOMBA, G. **Memórias da plantação**: Episódios de Racismo Cotidiano. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.
- HALL, S. **Da diáspora**: Identidades e Mediações Culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- HOOKS, B. **Olhares negros**: Raça e Representação. Editora Elefante, 2019.
- HOPKINSON, N. *The Salt Roads*. [S.l.]: Warner Books, 2003. EPUB, sem paginação.
- LORDE, A. **Sister Outsider**: Essays and Speeches. Berkeley: Crossing Press, 1984.
- MACHADO, A Freire. **Ancestralidade e encantamento como inspirações formativas**: filosofia, educação e estética na formação de professores. Anais do XX Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste – EPENN, 2010.
- OLIVEIRA, E. **Epistemologia da ancestralidade**. *Revista Brasileira de Filosofia e História*, v. 1, n. 3, p. 7–27, 2021
- OLIVEIRA, J. **Ancestralidade e afro-brasilidade**. *Revista Mosaico*, v. 16, p. 108-124, 2023.
- RIBEIRO, R. **De boca perfumada a ouvidos dóceis e limpos. ancestralidades africanas, tradição oral e cultura brasileira**. Itinerários, Araraquara, n. 13, 1998.
- SOMÉ, S. **O espírito da intimidade**: ensinamentos africanos para os relacionamentos. Tradução de T. Bittencourt. São Paulo: Pensamento, 2002.
- WOMACK, Y. **Afrofuturism**: The world of black sci-fi and fantasy culture